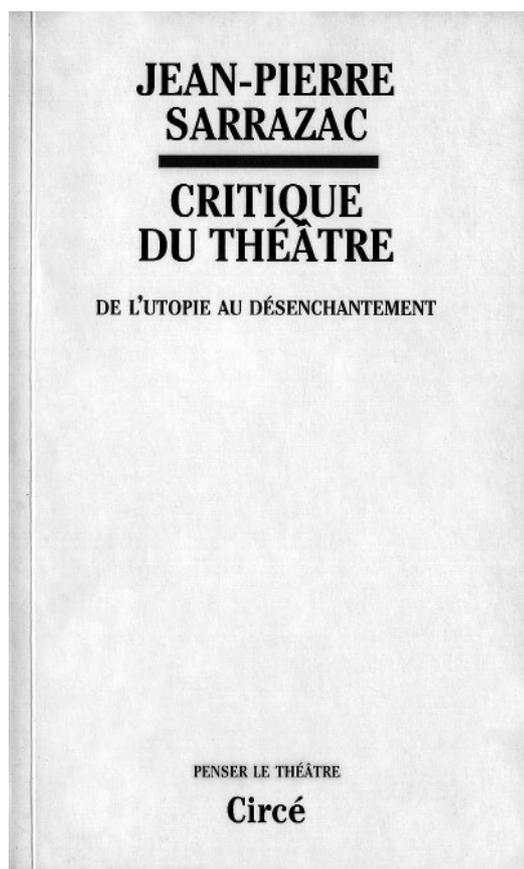


# A arquitectura dos conceitos

## A “invenção da teatralidade”, por Jean-Pierre Sarrazac

Alexandra Moreira da Silva



No início dos anos oitenta, aquando da primeira edição de *O futuro do drama* (1981), obra incontornável para os estudos de teatro, e muito particularmente para quem dedica especial atenção às dramaturgias moderna e contemporânea, Bernard Dort, num prefácio memorável, escrevia o seguinte: “Jean-Pierre Sarrazac viu muito, leu muito; encenou textos e realizou espectáculos; falou com

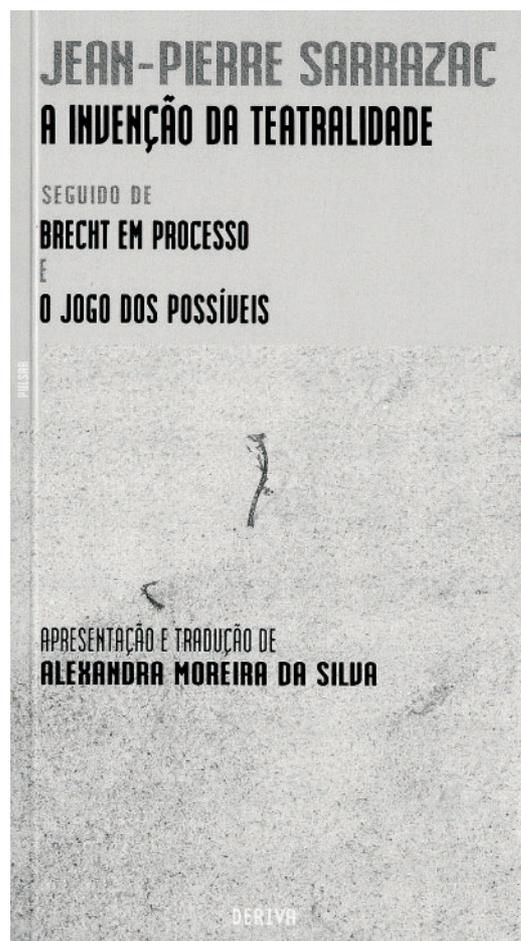
inúmeros autores e homens de teatro; escreve peças; ensina teatro a estudantes e aprendizes de actor. Está, portanto, dentro e fora, simultaneamente. Foi deste duplo ponto de vista que ele partiu”. Desde então, Jean-Pierre Sarrazac escreveu e publicou vários ensaios: de *Théâtres intimes* (1989) a *Théâtres du moi, théâtres du monde* (1995), passando pelo importante estudo *La parabole ou l'enfance du théâtre* (2002) até ao bellissimo texto dedicado ao público juvenil *Je vais au théâtre voir le monde* (2008), e, naturalmente, *Critique du théâtre: De l'utopie au désenchantement*, recentemente reeditado em França – *et pour cause* – obras maiores a que se foram juntando inúmeros ensaios mais curtos, mas igualmente importantes, publicados em revistas e publicações várias, e cujo conjunto constitui, hoje, uma verdadeira *Poética* do drama moderno e contemporâneo. Desta vasta obra, reconhecida internacionalmente com o prémio Thalia, atribuído pela Associação Internacional de Críticos de Teatro, em 2008, gostaria de salientar três aspectos que me parecem fundamentais para a percepção daquilo a que eu chamaria a “arquitectura dos conceitos” na obra teórica de Jean-Pierre Sarrazac.

Em primeiro lugar, e retomando as palavras de Bernard Dort, referiria o facto de Jean-Pierre Sarrazac partir sempre, nos seus ensaios, de um duplo ponto de vista: se o futuro do drama continua a ser uma preocupação maior, a ocupar um lugar privilegiado no pensamento do autor, a representação, o espectáculo, a prática teatral estão sempre presentes nas suas reflexões, seguindo o duplo movimento que vai do teatro ao drama e do drama ao teatro. Em segundo lugar, sublinharia uma característica que, de certa forma, torna a obra ensaística de Jean-Pierre Sarrazac invulgar no panorama dos estudos de teatro: refiro-me à sua inequívoca actualidade. Eu diria que as suas reflexões são, frequentemente, prospectivas, que, apesar de terem como objecto a mais efémera das artes, e muito embora o autor, tal anjo da história benjaminiano, olhe atentamente

para o passado, os seus numerosos ensaios antecipam o futuro do drama e mesmo o futuro do teatro. Este facto, deve-se, a meu ver, não só ao duplo ponto de vista de que falei anteriormente, como também – ou sobretudo – a uma pertinente conceptualização das práticas observadas, quer no domínio do texto quer no domínio da representação: "rapsodização", "autor rapsodo", "transbordamento", "desvio", "extimo" (a exteioridade do íntimo), "drama parabólico", "infradramático", "drama-na-vida" e "drama-da-vida", são apenas alguns dos conceitos que Jean-Pierre Sarrazac pensou e teorizou, e que se têm revelado, para todos nós investigadores nesta área, instrumentos teóricos de uma grande eficácia e operacionalidade.

Os três ensaios agora publicados em português, que integram a obra intitulada *Critique du théâtre: De l'utopie au désenchantement*, publicada em 2000, são um belíssimo exemplo de tudo quanto acabo de referir. Nestes ensaios, o autor regressa a Brecht e à sua indiscutível influência no teatro europeu dos anos sessenta, mas também a Bernard Dort e a Roland Barthes, com o claro objectivo de propor uma (re)articulação das dimensões estética e política do teatro. Sem cair naquilo que poderia ser interpretado como uma "tentação nostálgica geracional", Jean-Pierre Sarrazac questiona as mais variadas formas de resistência e de transformação de "um teatro crítico", confrontando algum "desencanto" do panorama teatral contemporâneo com o carácter utópico do conceito de "teatro público" que emergiu no pós-guerra. Neste sentido, o autor procura não só circunscrever a ideia de um teatro crítico, como também responder a algumas questões prementes no actual contexto teatral: de onde vem, para onde vai a ideia de um "teatro crítico"? A prática de um teatro crítico poderá, hoje, conservar o seu valor transitivo de transformação? Ou, pelo contrário, estaremos na presença de uma ideia obsoleta, sem expressão, no teatro que podemos ver, actualmente, nos palcos europeus?

Os ensaios incluídos neste volume, que tentam encontrar e sugerir respostas para estas questões, antecipam o regresso de "um teatro crítico" – regresso a que temos vindo a assistir de forma bastante evidente nos últimos anos – propondo-nos um percurso através de várias personalidades (Bernard Dort, Roland Barthes...), de peças e de autores de teatro (August Strindberg, Luigi Pirandello, Arthur Adamov, Bertolt Brecht, Heiner Müller...), de espectáculos e de encenadores (Jean Vilar, Giorgio Strehler, Antoine Vitez, Patrice Chéreau...), de ensaios (*Brecht & Cie*, de John Fuegi...), de revistas (*Théâtre populaire*...), que nos permite reflectir sobre a função e os poderes do teatro, sobre a sua dimensão cívica – ou, na expressão de Denis Guénoun (1997), sobre a sua "necessidade" da ironia pirandelliana, passando pela arte crítica brechtiana, até alguns dos mais recentes contributos críticos de autores e de encenadores contemporâneos (de Samuel Beckett a Edward Bond), Jean-Pierre Sarrazac



questiona ainda conceitos fundamentais como "teatralidade", "comentário", "representação emancipada" ou "teatro épico", traçando as directrizes de um teatro que, ao suscitar um espectador activo, permite renovar a relação entre a "percepção" e a "experiência vivida".

Chego, finalmente, à terceira e última ideia que gostaria de convocar a propósito dos textos incluídos neste volume. A invenção da teatralidade e os dois ensaios que se seguem são, parafraseando Walter Benjamin, não apenas a expressão mas a realização do pensamento. As ideias fluem, entrelaçam-se e sucedem-se a um ritmo quase alucinante, não por impulsos ou com gesticulações discursivas exuberantes, mas com a sobriedade e a clareza que só a maturação e a "profundidade" – no sentido barthesiano do termo – autorizam. Em forma de síntese, eu diria que, à imagem da rapsódia, a escrita ensaística de Jean-Pierre Sarrazac assume "uma forma livre – que não é a ausência de forma". Com esta crítica "do" teatro, o autor prossegue a aventura crítica dos seus mestres Bernard Dort e Roland Barthes, colocando-se sempre do lado da reinvenção do drama, quando muitos insistem em declarar a sua morte.

Na verdade, trata-se de uma dupla aventura – a do dramaturgo e a do ensaísta – sempre com a secreta ambição de transformar o teatro, esse espaço onde a realidade se abre aos múltiplos caminhos do possível. Talvez por isso mesmo, e como Zola, nas suas peças ou nos seus ensaios, Jean-Pierre Sarrazac parece querer dizer-nos constantemente: "o teatro não existe, existem teatros, e eu procuro o meu".